

Representação Social e Discurso Sobre o Sertão Nos Jornais De Salvador

Lílian Reichert Coelho
Lourivânia Soares Santos

Resumo: Este artigo focaliza a construção da representação social do Sertão, a partir do exame de textos jornalísticos veiculados em jornais impressos baianos de 1959 e 2005. O objetivo é analisar, em perspectiva diacrônica, as estratégias discursivas empregadas pelos jornais *A Tarde*, *Correio da Bahia* e *Jornal da Bahia*, a partir da Análise do Discurso francesa.

Palavras-chave: discurso, representação, jornalismo.

Abstract: In the present text, we focus on the construction of sertão's social representation, from the observation of journalistic issues edited by the bahian press in the years of 1959 and 2005. The main goal is to analyze, through a diachronical perspective, the discursive strategies used by *A Tarde*, *Correio da Bahia* and *Jornal da Bahia*, under the French Discourse Analysis's proposal.

Keywords: discourse, representation, journalism.

O Sertão Nas Artes E Nos Jornais

O semi-árido do Brasil, ou sertão, foi definido pela Lei nº 7.827 de 27 de dezembro de 1989, que estabelecia recursos para a região. Essa área sofreu alterações no ano de 1995 e, mais recentemente, em 2005, pelo GTI - Grupo Interministerial. Ele definiu novos critérios e redelimitou a área, que passou a abranger 1.333 municípios de nove estados brasileiros e 974.752 km², com uma população de 25 milhões de brasileiros. Cerca de 962.857,3 km² do semi-árido estão situados no chamado Polígono das Secas. De acordo com Aguiar, a área é assim denominada pela maior incidência de períodos de estiagens. A delimitação foi estabelecida pela primeira vez em 05 de janeiro de 1936 e tinha como objetivo estabelecer políticas mais efetivas de neutralização dos efeitos da seca (1983, p.29).

Embora datada de 1959, a repercussão em âmbito nacional dos problemas do nordeste com a criação da SUDENE, Ribeiro (1999, p. 76) conta que a gênese do discurso sobre a região, como condenada ao atraso, remete à primeira metade do século XIX.

* Doutoranda (UFBA). Professora no curso de Jornalismo (FSBA). lilian_reichert@yahoo.com.br

** Graduada em Jornalismo (FSBA), assessora de comunicação. louryvania@yahoo.com.br

Com o desmembramento de Portugal, nesse período, o Brasil cria o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Nas palavras de Guimarães, o órgão foi criado pela elite, que o imbuíu da responsabilidade de forjar uma identidade nacional. O Instituto também deveria lutar para criar uma identidade provincial que justificasse a divisão regional do Brasil (*apud* RIBEIRO, 1999, p. 76).

O clima seco, o baixo índice de chuvas e a caatinga são algumas das características geográficas do sertão e, quase sempre, aparecem associadas à pobreza e ao atraso no imaginário popular. Essa visão, embora ligada ao próprio subdesenvolvimento da região, cristalizou-se com a contribuição e a representação das informações difundidas tanto nos jornais, como foi visto, mas também, através do cinema, música, literatura, rádio. A representação social do semi-árido está, na maioria das vezes, ligada à tragédia da seca e aos estereótipos difundidos historicamente pelos meios de comunicação massivos. A região parece invisível, exceto quando alguma estiagem se abate sobre ela e perpetua as imagens de chão rachado, de miséria, servindo apenas para a reduzir o problema em detrimento da riqueza cultural da região (DECLARAÇÃO DO SEMI-ÁRIDO, 1999)

Na compreensão de Oliveira (2005), o Nordeste é construído como um lugar condenado à pobreza, ao atraso, enquanto o sul é construído com imagens do desenvolvimento. Guillen (2005) também reforça tal idéia, ao afirmar que essa situação torna a região aparentemente sem história, como se ela não tivesse, ao longo dos anos, sofrido transformações. A partir do exposto, julgamos legítimo afirmar que a seca constituiu-se um dos grandes referenciais na conformação geral da representação social do sertão e, nesse processo, estão implicadas questões de cunho político, econômico e social que ainda merecem ser discutidas. As tragédias e o sofrimento possivelmente derivados das secas foram retratados em verso e prosa, seja na música, na literatura, nas artes em geral.

Conforme as referências convocadas nesta pesquisa, pode-se afirmar que o jornalismo atua na representação da realidade. Morigi (2005, p. 6) afirma que a midiaticização funciona como um intermediário, com poder de articular e enquadrar. É, pois, neste aspecto que, “[...] evidencia-se o discurso midiático como sendo um produtor de sentidos a partir de outros discursos produzidos socialmente [...]”.

Acreditamos que a mídia pode trazer contribuições para a sociedade, ao trazer à tona debates e questões cruciais para o exercício democrático, mas também não podem ser ignorados os abusos cometidos por ela e por quem a domina. Paiva (2005, p.11) afirma que também a mídia desenvolve os estereótipos ou mesmo a criminalização das culturas minoritárias, ou seja, os excluídos. É pela mídia que os indivíduos entram em contato com a informação, portanto, ela consiste em poderoso e constante instrumento de mediação. No entender de Guareschi (2000, p. 37), a comunicação se torna um mecanismo fundamental para a consolidação de trocas simbólicas, sendo seu papel cada vez maior e mais atuante na vida dos indivíduos.

A relação entre comunicação e sociedade e os efeitos dela advindos começam a ser estudados e analisados a partir do século XX, quando esta passa a ocupar centralidade na vida das pessoas (MORIGI, 2005, p.2). Analisando como se dá a produção dos consensos na sociedade plural, o mesmo autor diz que os meios têm grande responsabilidade na construção dos sentidos e não são, como preferem as teorias da comunicação, simples transmissores de notícias. (MORIGI, 2005, p. 3).

Sobre isso, a leitura de Lippman permite constatar que, já em 1992, os meios de comunicação social (referindo-se à imprensa) fazem a ponte entre os acontecimentos do mundo e as imagens em nossa mente. Sendo assim, o autor já percebe a forma como eles atuam na construção das representações sociais, moldadas pelos indivíduos (TRAQUINA, 2001, p. 52-53).

A importância de se refletir sobre essas questões reside no fato de os jornalistas lidarem cotidianamente com a produção de sentidos a partir do uso da palavra, na concepção de Bakhtin (2002, p.95), sempre “carregada de sentido ideológico”. Portanto, pode-se apreender que, nos textos, estão expressos, ainda que de modo implícito, pressupostos morais, julgamentos, valores, consolidados nas experiências vividas pelo sujeito que os constrói.

É o olhar abrangente sobre a língua e sobre a importância de se extrair as significações presentes no discurso a partir do seu contexto que permite a configuração da Análise do Discurso francesa. A proposta teórica oferecida recorre à exterioridade para extrair os posicionamentos ideológicos inerentes ao discurso, através do uso da língua, partindo do princípio de que o sentido não existe em si mesmo, mas é histórico. Um dos temas predominantes em Bakhtin é a reflexão

sobre o princípio dialógico do texto, ou seja, as múltiplas interferências e confluências que o compõem. Barros condensa pontos relevantes formulados pelo teórico russo sobre o texto como objeto das ciências humanas, a saber: 1) ele é objeto significativo ou de significação; 2) é produto de uma criação ideológica; 3) é dialógico e, assim, constrói sua significação; 4) único, sendo também não reiterável (1996, p. 22- 24).

A noção de discurso que orienta este trabalho coaduna-se à definida por Maingueneau, para quem debruçar-se sobre o discurso diferencia-se, dentre outras coisas, pelo fato de mobilizar elementos situados além da frase, ou seja, o contexto, orientado e construído com uma finalidade definida: atingir determinado receptor, embora possa sofrer alteração no seu curso; provocar a interatividade, pois dialoga com outros discursos; mostrar-se como assumido por um sujeito, ou não, porque ele pode vir camuflado, dentre outras características (MAINGUENEAU, 2002, p. 52-55).

“Assim como a frase não é um amontoado de palavras, mas é uma cadeia construída segundo certas regras, o discurso não é um amontoado de frases” (FIORIN, 2005, p. 17-18). Fiorin entende que existe uma estrutura organizadora no interior do discurso, as quais denomina de sintaxe discursiva e semântica discursiva. A sintaxe refere-se aos procedimentos utilizados na instauração das pessoas e pode dar idéia de objetividade ou subjetividade. Por exemplo, se o enunciado *Eu acho que a pobreza no sertão é conseqüência da seca* for substituído por *A pobreza do sertão é conseqüência da seca*, o segundo demonstraria mais objetividade e imparcialidade, pelo fato de camuflar a presença do sujeito. Além disso, a sintaxe está relacionada à colocação dos discursos direto e indireto que, por sua vez, podem dar efeito de verdade ou não.¹

Consideramos a Análise do Discurso francesa profícua para esta pesquisa por entendermos que ela funciona como importante mecanismo para “desvendar” certos posicionamentos ideológicos no texto, já que “visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por os sujeitos “[...]” (ORLANDI, 2003, p. 26). A fim de cumprir os objetivos propostos, utilizamos também a Teoria das Representações Sociais, que tem origem na idéia de Representações Coletivas de Émile Durkheim e relaciona-se às formas de

pensamento pelas quais as sociedades elaboram e expressam sua própria realidade (FARR, 1995, p. 45).

As representações são formas simbólicas presentes tanto em nível individual quanto coletivo e fazem parte do dia-a-dia dos indivíduos, perpassando conversas e modos de agir. Conforme Guareschi (2000, p.78), elas “[...] podem ser compreendidas como conhecimento do senso comum, socialmente construído e socialmente partilhado que se vê na mente das pessoas, na mídia, nos bares e nas esquinas, nos comentários dos rádios e das tvs”.

A fim de compreender o discurso sobre o sertão, escolhemos como *corpus* de análise matérias veiculadas no *Jornal da Bahia*, no final da década de 1950. Os anos de 1950 foram selecionados por ser a década de criação da SUDENE - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, marco simbólico que destaca oficialmente a região como um problema de ordem nacional, tornando-a o centro das atenções do país. Inicialmente, pretendia-se que, sobre a década de 1950, também fossem analisados exemplares do jornal *A Tarde*, o que não foi possível devido ao elevado grau de deterioração em que se encontravam. Para uma análise comparativa, foram observados, na mesma quantidade de meses, os jornais *A Tarde* e *Correio da Bahia* do primeiro semestre de 2005. O período foi escolhido aleatoriamente, como forma de examinar a cobertura jornalística num período menos chuvoso do ano na região semi-árida e, por isso, mais propenso às atenções da mídia.

O recorte dos textos para análise partiu de notícias relacionadas à água, à terra e ao próprio “ser” sertanejo/ sertaneja, o que se justifica pela impossibilidade de analisar o assunto sem se recorrer ao mapa de significado construído no decorrer da história. Isso, contudo, não impediu a descoberta de nuances durante o percurso da pesquisa. A recorrência aos mesmos elementos de representação social auxiliou a cumprir o objetivo traçado, que foi analisar se houve reconfiguração das estratégias discursivas na abordagem do tema pelos jornais ao longo do tempo.

Operadores De Análise Da Representação Jornalística Do Sertão

De julho a dezembro de 1959, foram encontradas, no *Jornal da Bahia*, 9 notícias, 5 das quais produzidas para uma série de reportagens: 1 é a chamada para

a série e as outras 3, matérias publicadas no mesmo ano. A chamada para a série de reportagens foi veiculada num pequeno box, do lado esquerdo da primeira página do jornal e já antecipa três palavras que se destacam intensamente em todos os textos da série: *flagelada*, *espetáculo* e *tragédia*. O leitor é antecipadamente convidado a imaginar a situação das famílias que vivem nas regiões, através de uma detalhada e sensível (portanto, subjetiva) descrição do enunciador.

O título da matéria é *Drama da Seca: Fome e sede aniquilam vidas no Nordeste da Bahia*. O verbo *aniquilar* significa reduzir a nada, anular, destruir, matar, exterminar (FERREIRA, 1988, p.45), no entanto, nenhum dado estatístico de morte é divulgado. Do ponto de vista jornalístico informativo (que é como o texto se apresenta), observa-se que o enunciador não age com imparcialidade, pois aniquilar foi utilizado conotativamente, o que demonstra a carga de dramaticidade e sensacionalismo com que o tema é abordado. E, como freqüentemente se constata nos outros textos, a seca é apontada como causa desse aniquilamento e de todos os males.

Importante lembrar o que Ribeiro (1999, p.75) e outros estudiosos falam sobre a propagação da imagem do sertão com a finalidade da apropriação dos recursos federais e como a mídia, de fácil acesso à elite política, auxilia nesse processo. Em algumas passagens do texto, o repórter assume que viajou com um grupo de parlamentares e pessoas ligadas ao DNOCS e mostra-se preocupado em ajudar na liberação das verbas, como é possível observar neste trecho.

Na referida reportagem, é possível observar alguns recursos modalizantes, elementos capazes de transmitir apreciações, como o uso de conjunções, adjetivos, travessões, advérbios.

Nesta matéria é notório o uso exacerbado de adjetivos ou substantivos de forte apelo emocional. As palavras ***espetáculo*** e ***flageladas*** foram usadas 3 vezes no mesmo texto. Seguem ainda três exemplos de outras palavras: o espetáculo de centenas de potes e latas enfileiradas é **estorrecedor**; campos ressecados pelo sol **inclemente**; situação **dramática** que observamos. [grifos nossos].

Também se emprega a hipérbole, como neste trecho: as condições em que estão vivendo - e morrendo - **dezenas de milhares** de famílias; e a repetição: com os campos ressecados pelo sol inclemente, **tantas vezes se plantou, outras tantas vezes as colheitas se perderam**, ou melhor, não chegaram a surgir. O uso de **ou**

melhor, um elemento modalizante de acordo com J. Authier-Revuz (Mainguenu), dá idéia de reafirmação.

Em outra reportagem, o apelo ao envio de recursos para diminuir os problemas causados pela seca ganha ainda mais força. O título: *Inclémência da seca transforma Nordeste em região Desértica*, ao mesmo tempo em que atribui à seca a causa de todos os males, enfatiza que tudo seria simplesmente resolvido se o dinheiro das verbas fosse liberado. Assim, infere-se que o título é contraditório em relação ao conteúdo do texto, pois a seca ora é apontada como determinante dos problemas da região, ora apresenta como responsável a falta de dinheiro.

Como já exposto sobre os textos anteriormente apresentados, neste também se emprega com frequência a 1ª pessoa do plural e 3ª pessoa do singular, com as palavras *espetáculo* e *flagelada* largamente utilizadas. Um detalhe relevante é que, nesta matéria, o repórter relata pela primeira vez durante a viagem o *espetáculo* da chegada de um caminhão-tanque com o *líquido precioso*. É como se fosse algo fantástico, o caminhão-tanque constitui a principal atração da cidade, pois é esperado com ansiedade e furor.

Em uma das fotos, observa-se imensa fila de potes e latas, a mesma árvore seca compõe a paisagem. Nela, não se vê a aglomeração de pessoas, pelo contrário. A cidade é mostrada como se estivesse abandonada, o que reafirma o já expresso no próprio título e na legenda: “Este o espetáculo que observamos em inúmeros povoados: as ruas quase desertas, numa impressão de abandono, a população assinalando sua presença pelas longas filas, de centenas de potes e latas, aguardando a chegada dos caminhões-tanques de abastecimento.”

A segunda foto apresenta um diálogo entre duas figuras de forte carga simbólica no contexto do sertão: o padre e o político. Isso lembra o que Orlandi chama de “relação de forças” (2003, p.39), ou seja, se é o padre que fala, certamente terá mais peso, pois vem de uma instituição respeitada, como é o caso da igreja. A pesquisadora lembra, entretanto, que “não são os sujeitos físicos nem seus lugares empíricos como tal [...], mas suas imagens que resultam de projeções” (ORLANDI, 2003, p.40).

Outra reportagem reafirma a necessidade de liberação das verbas, sob a ameaça do prefeito de realizar uma “marcha da fome” até Salvador. No título, o enunciador declara: “Alimentam-se de raízes de umbuzeiro de xique-xique para não

morrerem de fome.” Duas fotos ilustram a matéria. A primeira mostra o agrupamento de pessoas em torno de fileiras de potes e latas. É possível observar a presença de muitas crianças. A legenda diz se tratar de um *espetáculo* natural em toda a região visitada. A outra fotografia mostra o que antes era um tanque transformado em terra seca e rachada.

No encerramento da matéria, o repórter dá a sentença final, que é culpar a seca: “Esta é a situação em que se encontra o Nordeste **flagelado impiedosamente** por uma seca que já dura dois anos.” [grifos nossos]. Noutra passagem, observa-se uma situação quase de irracionalidade, com o recurso empregado pelo enunciador de igualar homens e animais: “No povoado chamado Malhado Velho, vimos moradores e animais matando a sede juntos, no tanque ali existente.”

Pelo exposto, pode-se afirmar que a série publicada em 1959 pelo *Jornal da Bahia* cria um discurso definido no próprio título: “JB na região flagelada”. Baseando-se em aspectos reducionistas, cria a representação social daquela realidade e do povo, mostrando um ambiente pobre e sem vida. Em alguns trechos, transmite a figura de um “homem forte”, resistente aos problemas gerados pela seca, “resignado”, como interpretou Euclides da Cunha, em *Os Sertões* (1902, p.44). Em outras passagens, o jornal apresenta um homem desencorajado, que prefere arriscar-se em outros locais a “morrer de fome e sede em sua própria terra”. Os chapéus² e os intertítulos³ escolhidos para chamar as matérias ou para ligar os trechos dos textos reforçam o discurso negativo.

Quase cinqüenta anos depois, nos jornais *A Tarde* e *Correio da Bahia* de 2005, é possível observar uma re-significação da abordagem em torno da seca e da água. Embora não tenha sido encontrada grande quantidade de textos nos dois períodos analisados, percebe-se que o conteúdo de ambos os jornais não trazem uma linguagem carregada de dramaticidade, como verificado na análise do material de 1959. Abaixo, apresentamos exemplos dos dois periódicos, a começar pelo jornal *A Tarde*.

A primeira matéria é data de 4 de janeiro de 2005 e está localizada no final da página 7, lado direito. Sob o título “Seca castiga 23 municípios, que decretam situação de emergência”, o texto faz uma apresentação das localidades ameaçadas pela seca, que “volta” a castigar o Estado. O texto é curto, em comparação aos do *Jornal da Bahia*, e o enunciador tenta se ocultar por meio do uso da embreagem⁴, embora se mostre, ainda que de modo implícito, em diversas passagens, o que poderia aproximar-se da debreagem enunciativa⁵.

Observa-se que a construção do texto procura demonstrar certa distância, objetividade, entre quem enuncia e o objeto abordado. Enumera os municípios atingidos pela seca, o que confere o efeito de referencialidade, e traz dados meteorológicos, cuja cientificidade remete ao texto o *status* de verdade. Na passagem seguinte, o enunciado é didático, ao explicar para o leitor que a decretação do estado de emergência é de competência do prefeito ou do governador, a depender da situação.

A única voz presente no texto, expressa por meio do discurso indireto, é a do Coordenador Estadual de Defesa Civil (Coordec). Esse trecho também se caracteriza como um interdiscurso porque faz referência à memória do leitor, recorrendo a uma fonte conhecida. Não é ouvida a voz das pessoas da região que estão vivendo a situação, também não consta nenhuma foto. Menos dramático do que os textos do *Jornal da Bahia*, esta reportagem faz uma breve descrição da situação encontrada na região, no entanto, não deixa de fazer alusão à representação social construída sobre a região. “Percorrer quilômetros em busca de água, até mesmo para beber, ver a plantação morrendo e os animais minguando de sede **são imagens que mais uma vez fazem parte do cenário do semi-árido baiano**”. [grifos nossos].

No texto, percebe-se que a voz dominante apieda-se dos municípios afetados pelas longas estiagens. A seca é apontada como a causa dos problemas e são apresentados dados meteorológicos para agregar credibilidade ao enunciado. No texto, aponta-se que municípios com uma economia expressiva estão sendo

prejudicados, mas que a situação pode ser minimizada com a liberação de recursos pelos governos.

A segunda matéria tem como título “Seca atinge pólo irrigado do Sudoeste” e foi publicada no lado direito da página 15, no dia 16 de janeiro de 2005. O enfoque são as conseqüências da seca que atinge o município de Livramento de Nossa Senhora, o “oásis do sertão”. A cidade é assim denominada devido à irrigação de sua fruticultura. Diferente das matérias analisadas anteriormente, o enunciador tenta se distanciar ao máximo do enunciado, mas outros elementos permitem a identificação de sua presença.

O enunciador descreve o lugar e depois utiliza a voz do próprio morador para reafirmar a sua versão ou dar mais autenticidade a ela. Nota-se ainda que as palavras usadas para adjetivar têm conotação mais suave do que nas matérias do *Jornal da Bahia*, mas o texto baseia-se também no estereótipo da região. Este texto também destaca a necessidade da liberação das verbas pelo governo federal.

O enunciador emite opinião em diversos trechos, observável pela utilização de advérbios de modo como “indistintamente”; de conjunções, “que”, “ainda”, “se”. Um exemplo pode ser visto demonstrado pelo trecho: “o fornecimento de água através de carro-pipa e distribuição de cestas básicas para as famílias afetadas **ainda** estão trancados nos cofres oficiais.” A seca é considerada castigo e os moradores da região são desencorajados.

O enunciador é irônico ao colocar em xeque a crença das simpatias camponesas. De acordo com Brait, a ironia é “construção de sentido que permite visualizar pela argumentação crítica e indireta, formas de relações estabelecidas entre discurso, instituição e história” (1998, p. 13). É o que pode ser observado por uma relação de interdiscursividade, que toca nas explicações de vida e da natureza criada pelos sertanejos e ainda forte na realidade do povo.

A foto da matéria apareceu do lado esquerdo da página e mostra frutas da região em destaque. Na legenda: “Nem as mangas de Livramento escapam dos **efeitos da estiagem.**” [grifos nossos]. Ressalve-se que as tais mangas contradizem a idéia da legenda, pois estão em bom estado. A palavra castigar, apesar de já ter aparecido no decorrer do texto, no trecho em destaque acima, minimiza a responsabilidade da seca pelos problemas da região. Nos textos do *Jornal da Bahia*,

ao invés de *efeitos da estiagem*, que neste aparece três vezes, era comum o uso de “tragédia da seca” ou “seca impiedosa”, dentre outros termos.

No jornal *Correio da Bahia*, o título da primeira matéria analisada, no período que compreende os meses de janeiro a julho de 2005, é “Bancos de Águas”. O texto não aborda diretamente a seca, mas as cisternas que estão sendo financiadas pela Federação Brasileira de Bancos (Febraban) para a convivência com o semi-árido. A reportagem informa principalmente sobre o projeto de construção de 1 milhão de cisternas, encabeçado pela Articulação do Semi-árido –ASA, e a importância da mobilização no atendimento das pessoas que moram na região. Também motiva a doação de recursos para a campanha e traz uma foto na qual uma pessoa está de pé, ao lado da cisterna.

Nas citações utilizadas para apresentar as vozes sociais no texto, além do representante da ASA na Bahia, também é ouvida Vanda Pita, diretora do programa de responsabilidade social da Febraban. O discurso é apresentado na forma direta. Nenhuma voz de morador da região aparece na matéria para comentar o projeto.

Há trechos do texto que podem ser caracterizados como assessoria de imprensa, pois destaca demasiadamente o benefício da Febraban no semi-árido, como se isso não fosse parte do seu papel social. Observa-se que a voz dominante é da empresa, a qual é apresentada como em processo de disponibilização de elevados recursos para melhorar a vida dos sertanejos. O próprio título chama a atenção para isso: “Bancos de água” faz uma associação entre as cisternas como cofres, locais onde pode ser depositada água. Por outro lado, a Febraban é mostrada como acessível, uma empresa com a qual se pode contar para resolver os problemas da seca.

A segunda matéria é do dia 27 de junho de 2005 e tem como título “Comunidades rurais de Juazeiro sofrem com a escassez de água”. Foi publicada do lado esquerdo da página 15 e enfoca as conseqüências da seca na região de Juazeiro, bem como as dificuldades de acesso à água pelas pessoas que moram perto do Rio São Francisco. Em algumas passagens, a forma literária de descrever o lugar assemelha-se às matérias do *Jornal da Bahia*.

Neste texto, pode-se notar o recurso da polifonia⁶, no qual várias vozes são ouvidas. Além dos populares contrários ao projeto, também se encontram fontes favoráveis. Os discursos estão expressos na forma direta. Um exemplo é o deputado Geraldo Coelho, para quem a transposição vai ajudar a multiplicar a experiência de desenvolvimento, a partir da irrigação para a produção de frutas. O texto é escrito de maneira impessoal, utilizando a terceira pessoa do singular, logo imprimindo a idéia de distanciamento do enunciador em relação ao fato. Isso, entretanto, não significa isenção de julgamento, pois é possível notar a opinião do enunciador, que apresenta um julgamento da seca. O sertanejo não planta nada, mas a seca o castiga. Em alguns trechos, o enunciador lança até um questionamento para mostrar sua crítica em relação ao projeto apresentado pelo governo federal. A figura do rio São Francisco também é personificada no texto, apontando a idéia de sua importância para os brasileiros: “Transposição do **Velho Chico** é questionada por quem mora perto dele mesmo e mesmo assim vive na seca”. Além dos elementos já observados, vários referenciais da situação abordada são apresentados: “as pessoas abordadas”, “Juazeiro”, “o projeto de Transposição”, “os lugares abordados”, entre outros.

Como já exposto, a crítica ao governo federal repercute também nesta matéria, que trata especialmente do projeto de transposição com a diversidade de opinião que o cerca e as suas controvérsias: “O grande canal que vem do São Francisco já tem água, mas a continuidade da obra está ameaçada. Em 2004 e 2005, nenhum centavo foi destinado ao projeto no orçamento da União”.

Conclusões

Pela análise dos três jornais baianos, é possível fazer algumas considerações sobre a abordagem e a construção da representação social do sertão. A primeira é que, na década de 50, a seca é apresentada como um castigo divino e determinante, que foge ao controle humano. Os locais são descritos minuciosamente, reforçando estereótipos consolidados no senso comum, como a terra rachada, o sol inclemente e animais macérrimos a definhar na paisagem assoladora. No *Jornal da Bahia*, a

carga explícita de subjetividade e os verbos em primeira pessoa fizeram que, muitas vezes, os textos ganhassem ares de ficção.

Os dois jornais analisados em 2005 procuram apoiar-se em dados precisos, o que confere efeito de verdade. Nota-se que os jornais *A Tarde* e *Correio da Bahia* procuram demonstrar a veracidade das informações com porcentagens, dados estatísticos, personagens com referência à idade, cidades, elementos concretos identificáveis no mundo real. Outra constatação é que os textos mais recentes não utilizam com frequência a expressão “castigo da seca”. Acreditamos que isso seja resultado do desenvolvimento de mecanismos e técnicas para o que se convencionou chamar de convivência com a seca. Os textos passaram a utilizar a expressão “efeitos da seca”, que carrega uma denotação mais suave e menos dramática e trágica do que “castigo”.

Entre 12 e 19 de fevereiro de 2006, o jornal *A Tarde* divulgou uma série de reportagens sobre a seca na região semi-árida, na qual se pode verificar elementos que demonstram uma mudança na abordagem, embora persistam alguns estereótipos. A maioria dos textos traz a voz dos populares para conferir referencialidade e corroborar objetivamente o que se aborda. Chamam a atenção as legendas e os mapas que, além de pretenderem ser mais dinâmicos e didáticos, atestam a precisão dos fatos, agregando *status* de verdade dos enunciados.

As fotos, em sua maioria, trazem paisagem do sertão, a luta do povo em relação à seca e à água, mas não são apresentados de modo dramático e sensacionalista. Apenas uma foto traz uma imagem de carcaça de animais mortos à beira da estrada. Em relação aos textos, é possível dizer que a questão do “castigo” aparece em alguns trechos, mas apoiada pela idéia de fenômeno natural. Em vários textos, é comum a expressão “efeitos da estiagem” que, conforma já enfatizamos, minimiza a carga dramática associada ao fenômeno. Em um único texto, a expressão foi encontrada 3 vezes.

Os problemas da região também ganham outro elemento. Além de terem sido retomados o êxodo rural, adicionou-se as questões da prostituição e da fome, problemas que não são exclusivos da região, mas um mal do campo e da cidade, deflagrado por diversos motivos.

Dentre outras considerações, é possível dizer que há uma mudança do discurso sobre o fenômeno social da seca e o entendimento de que não é preciso

combatê-lo, sendo a atitude mais correta conviver harmoniosamente com ela. Essa questão e o da desconstrução do discurso sobre o semi-árido como uma região-problema ganhou o apoio da Articulação do Semi-árido – ASA. A organização, da qual fazem parte mais de 750 organizações sociais de todo o Nordeste e atua em mais 85 municípios do semi-árido lançou, no final de 2005, uma campanha para estimular o olhar diferenciado sobre o semi-árido em contraposição à representação difundida historicamente.

NOTAS

Mainguenu (2005, p. 141) alerta que, por mais que o discurso direto seja empregado para expressar fielmente o discurso do outro, ele, necessariamente, não o relata com fidelidade. “[...] O DD (discurso direto) não pode, então, ser objetivo, por mais que seja fiel, ele é sempre um fragmento de texto submetido ao enunciador do discurso citante, que dispõe de múltiplos meios para lhe dar um enfoque pessoal” (ibidem, p. 141). Essa mesma premissa já havia sido feita antes por Bakhtin em *Marxismo e Filosofia da linguagem*, onde ele comenta que discurso de outrem, apropriado e colocado em um outro contexto, ainda que conservada “autonomia estrutural e semântica”, não significa que não sofreu alterações do local anterior (1992, p.144).

² São palavras ou expressões que caracterizam o assunto retratado e são utilizadas antes do título de uma matéria com o intuito de atrair a atenção do leitor.

³ São inseridos como pequenos títulos no interior de um texto, tornando-o menos denso e facilitando a sua leitura.

⁴ As formas de projeções da enunciação no enunciado são denominadas embreagem e debreagem, sendo estas conferidas no texto através das marcas deixadas, como a instauração de pessoas, tempo e espaço. A embreagem é, de acordo com Fiorin (1996, p.48), “neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado”. Pode ser categorizada a partir dos elementos de pessoa, espaço e tempo.

⁵ O enunciador se camufla através do uso de elementos da 3ª pessoa, transmitindo ao leitor a idéia de objetividade e distanciamento (FIORIN, 1996, p. 44).

⁶ Pode ser definido como “a existência e a percepção de um jogo de diversas vozes num texto” (BARROS, 1996, p. 36).

Referências

AGUIAR, Manuel Pinto de. **Nordeste, o drama das secas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. Coleção Retratos do Brasil.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da linguagem; Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 6 ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

BRAIT, Beth. O texto irônico: fundamentos teóricos para leitura e interpretação. Em: **Letras. Propostas de Estudos Avançados em Lingüística e Literatura**. Rio Grande do Sul: UFSM, 1998.

CINEMA NOVO. Disponível em: <http://paulov.sites.uolcom.br/cinemanovo.htm> > Acessado em 9 nov 2005.

COLLING, Leandro. **Agenda-setting e framing**: reafirmando os efeitos limitados. **Revista Famecos**. Porto Alegre, 2001.

DECLARAÇÃO DO SEMI-ÁRIDO. Publicado em 26 de novembro de 1999. Disponível em: <http://asabrasil.org.br/body_declaraçãosemiarido.htm> Acessado em 12 set 2005.

FARR, Robert M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHLOVITCH, Sandra (orgs). **Textos em representações sociais**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda e outros. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 8 ed. Editora Ática, 2005.

_____. **As astúcias da enunciação**. São Paulo: Ática, 1996.

GADINI, Sérgio Luiz. **Jornalismo e acontecimento** – a produção do sentido no discurso da informação. Salvador, 1994, FACOM/UFBA.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Seca e Migração no Nordeste: reflexões sobre o processo de banalização da seca e sua dimensão histórica. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/tpd/111.htm> > Acessado em 12 set 2005.

GUARESCHI, Pedrinho A. (org.). **Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HALL, Stuart e outros. **A produção social das notícias: o mugging nos media**. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo, questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Veja, 1999.

MAINGUENAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 2. ed. Trad. Célia P. de Souza e Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.

MAMEDE, Maria Amélia. **A construção do nordeste pela mídia**. Fortaleza: IOCE, 1996. Coleção Teses cearenses.

MEDEIROS, José Gregório. **Sertão perverso**. Campina Grande, Santa fé, 1967.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes**. 4. ed. Rio e Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHLOVITCH, Sandra (orgs). **Textos em representações sociais**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MORIGI, Valdir José. **Teoria social e comunicação: representações sociais, produção de sentidos e construção dos imaginários midiáticos**. Disponível em: <http://www.assimcomunicacao.com.br/revista/documentos/MORIGI.pdf>> Acessado em: 12 set 2005.

NOVA DELIMITAÇÃO DO SEMI-ÁRIDO BRASILEIRO. Disponível em><http://www.mi.gov.br/publicacoes/desenvolvimentoregional/redelimitacao.asp>> Acessado em 12 set 2005.

OLIVEIRA, Lúcia Luppi. A invenção do Nordeste. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/navjk/OBrasildeJK/AcriacaodaSudene>> Acessado em 12 set 2005.

ORLANDI, Eni. P. **Análise do Discurso**: Princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas. SP: Pontes, 2003.

PAIVA, Raquel; HERSCH, Manoel.; FREIRE FILHO, Manoel. **Rio de Janeiro: Estereótipos e representações midiáticas**. Disponível em: <http://www.assimcomunicacao.com.br/revista/documentos/RAQUEL,JOÃO%20FREIRE%20E53CCF.pdf> > Acessado em: 12 set 2005.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **Elementos de Semiótica da Comunicação**: quando aprender é fazer. São Paulo: EDUSC, 2004.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Seca e determinismo: A gênese do discurso sobre o semi-árido nordestino**. Disponível em: http://www.igeo.ufrj.br/anuario_1999/vol22_60_91.pdf> Acessado em: 12 09 2005.

SUDENE: síntese de uma história: Disponível em: <http://www.sudene.gov.br/gti/historico.html>> Acessado em: 31 out 2000.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo. Editora: Unisinos, 2001.